

A PREEMINENCIA DA MÃO DIREITA :  
UM ESTUDO SOBRE A POLARIDADE RELIGIOSA \*

Robert Hertz

RELIGIÃO E SOCIEDADE propõe-se a publicar, a cada número, um clássico da sociologia da religião que não se encontre até agora disponível em língua portuguesa. Neste número, reproduzimos um dos ensaios mais marcantes saídos do grupo do L'Année Sociologique fundado por Emile Durkheim, Marcel Mauss, Henri Hubert e outros. Seu autor, Robert Hertz, foi um dos mais jovens e mais brilhantes membros da escola sociológica francesa, deixando-nos entretanto, por sua morte prematura, poucos trabalhos. Este ensaio sobre a polaridade entre a mão direita e a mão esquerda concretiza com farto material etnográfico as principais teorias do grupo sobre o princípio básico da religião: a oposição entre o sagrado e o profano. Usando o próprio corpo humano como campo de demonstração da tese de que o coletivo ou espiritual superimpõe-se ao orgânico e individual, Hertz conduz-nos a refletir como a simples oposição entre a mão direita, e a esquerda, longe de ser natural, está carregada de significados culturais, servindo como representação de divisões e hierarquias sociais.

Os Editores

\* "La prééminence de la main droite: étude sur la polarité religieuse", *Revue Philosophique*, vol. LXVIII, pp. 553-580; *Death and the right hand*, Glen-coe, Illinois, The Free Press, 1960 (trad. de Rodney e Claudia Needham).

Que semelhança mais perfeita existe entre nossas duas mãos? E, no entanto, que impressionante desigualdade!

Para a mão direita vão as honras, as designações lisonjeiras, as prerrogativas: ela age, ordena e toma. A mão esquerda, ao contrário, é desprezada e reduzida ao papel de uma humilde auxiliar: sozinha nada pode fazer; ela ajuda, ela apóia, ela segura.

A mão direita é o símbolo e o modelo de toda aristocracia, a mão esquerda de todas as pessoas comuns.

Quais são os títulos de nobreza da mão direita? De onde vem a servidão da esquerda?

### 1. (Assimetria Orgânica)

Toda hierarquia social afirma estar baseada na natureza das coisas, atribuindo-se assim eternidade e evitando mudanças e ataques de inovadores. Aristóteles justificava a escravidão pela superioridade étnica dos gregos sobre os bárbaros, o hoje o homem que se aborrece com as reivindicações feministas alega que a mulher é naturalmente inferior. Do mesmo modo, de acordo com a opinião geral, a predominância da mão direita resulta diretamente do organismo e nada deve à convenção ou às crônicas em mudança do homem. Mas, apesar das aparências, o testemunho da natureza não é mais claro nem mais decisivo no caso dos atributos das duas mãos do que o é no conflito de raças ou sexos.

Não que lhes faltem tentativas em atribuir uma causa anatômica à destoridade. Entre todas as hipóteses levantadas(1) apenas uma parece ter resistido ao teste dos fatos: a que liga a preeminência da mão direita ao maior desenvolvimento do homem do hemisfério cerebral esquerdo, o qual, como sabemos, enerva os músculos do lado oposto. Assim como o centro da fala articulada se encontra nesta parte do cérebro, os centros que governam os movimentos voluntários também lá estão principalmente. Como disse Broca, "somos destros na mão porque canhotos no cérebro". A prerrogativa da mão direita seria, então, encontrada na estrutura assimétrica dos

1. Alguns dos quais são apresentados e discutidos em Wilson: 1891:149; Jacobs 1892:22 e Jackson 1905:41

centros nervosos, da qual a causa, qualquer que seja, é evidentemente orgânica.(2)

Não se deve duvidar que uma conexão regular exista entre a preeminência da mão direita e o desenvolvimento da parte esquerda do cérebro. Mas, destes dois fenômenos, qual é a causa e qual é o efeito? O que existe que nos impeça de inverter a proposição de Broca e dizer: somos canhotos de cérebro porque destros de mão?(3) É um fato conhecido que o exercício de um órgão leva à maior alimentação e ao conseqüente crescimento daquele órgão. A maior atividade da mão direita, o que envolve mais trabalho intensivo para os centros nervosos da esquerda, produz o efeito necessário de favorecer o seu desenvolvimento.(4) Se abstraímos os efeitos produzidos pelo exercício e pelos hábitos adquiridos, a superioridade fisiológica do hemisfério esquerdo reduz-se a tão pouco que pode, no máximo, determinar uma leve preferência em favor do lado direito.

A dificuldade que se experimenta ao se atribuir uma certa causa orgânica adequada à assimetria dos membros superiores, juntamente com o fato de que os animais mais próximos do homem são ambidestros,(5) levou alguns autores a rejeitar qualquer base anatômica para o privilégio da mão direita. Este privilégio não seria, portanto, inerente à estrutura do *genus homo*, mas deveria sua origem exclusivamente às condições exteriores ao organismo.(6)

Essa negação radical é, no mínimo, audaciosa. Sem dúvida a causa orgânica da destoridade é dúbia e insuficiente, e difícil de distinguir das influências que atuam sobre o indivíduo de fora e o modelam, mas não é razão para que se negue dogmaticamente a ação do fator físico. Sobretudo, em alguns casos em que a influência externa e a tendência orgânica estão em conflito, é possível afirmar que a habilidade desigual das mãos está ligada a uma causa anatômica. Apesar da pressão poderosa e algumas vezes cruel que a sociedade exerce sobre as pessoas canhotas desde sua infância, estas retêm por toda vida uma preferência instintiva pelo uso da mão esquerda.(7)

2. Ver Wilson 1891:103; Baldwin 1897:67.

3. Jacobs 1892:25.

4. Bastian e Brown Sequard em Wilson 1891:193-4.

5. Rollet 1889:198; Jackson 1905:27-71

Se somos forçados aqui a reconhecer a presença de uma disposição congênita para a assimetria, devemos admitir que, inversamente, para certo número de pessoas, o uso preponderante da mão direita resulta da estrutura de seus corpos. A visão mais provável pode ser expressa, embora não muito rigorosamente, em forma matemática: em cem pessoas existem duas que são naturalmente canhotas, resistentes a qualquer influência contrária, enquanto uma proporção consideravelmente maior são destros por hereditariedade, oscilando entre esses dois extremos a massa de pessoas que, se deixadas por si mesmas, seriam capazes de usar igualmente as duas mãos, com (em geral) uma leve preferência pela direita.(8) Não existe necessidade de negar a existência de tendências orgânicas para a assimetria, mas, fora os casos excepcionais, a vaga disposição para a dexteridade, que parece estar espalhada por toda a espécie humana, não seria suficiente para fazer surgir a preponderância absoluta da mão direita se isto não fosse reforçado e fixado pelas influências estranhas ao organismo.

Mas, mesmo que se estabelecesse que a mão direita ultrapassa a esquerda por uma dádiva da natureza na sensibilidade tátil, na força e na competência, ainda restaria para ser explicado porque um privilégio instituído pelos homens teve que ser somado a esta superioridade natural, porque apenas a mão mais talentosa é treinada e exercitada. Não recomendaria a razão que se tentasse corrigir a fraqueza da menos favorecida por meio da educação? Pelo contrário, a mão esquerda é reprimida e mantida inativa; seu desenvolvimento é metodicamente frustrado. O Dr. Jacobs nos conta que durante suas viagens de inspeção médica às Índias holandesas observou que as crianças nativas tinham o braço direito completamente amarrado: era para ensinar-lhes a não usá-lo.(9) Nós abolimos as tipóias materiais — mas isso é tudo. Um dos sinais que distinguem uma criança bem educada é que a sua mão esquerda tornou-se incapaz de qualquer ação independente.

8. Wilson 1851:127-8; Jackson 1905:52,97. O último autor calcula os naturalmente destros em 17%, mas não explica como se chega a este número. Van Biervliet (1899:142,373) não admite "a existência de pessoas verdadeiramente ambidestras". Segundo ele, 98% das pessoas são destros. Mas estas sugestões só se aplicam a adultos e ele restringe demasiadamente o significado da palavra "ambidestridade". O que importa aqui não é a força dos músculos ou as dimensões dos ossos e sim o uso possível de um ou outro

Pode-se dizer que qualquer esforço para desenvolver a aptidão da esquerda está destinado ao fracasso? A experiência mostra o contrário. Nos raros casos em que a mão esquerda é adequadamente exercitada e treinada, por necessidade técnica, é quase tão útil quanto a direita; por exemplo, tocando o violino ou o piano, ou na cirurgia. Se um acidente priva um homem de sua mão direita, a esquerda adquire depois de algum tempo a força e a habilidade que não tinha. O exemplo de pessoas canhotas é ainda mais conclusivo, já que neste caso a educação luta contra a tendência instintiva para a "unidesteridade" ao invés de segui-la e reforçá-la. Como consequência, os canhotos são em geral ambidestros e frequentemente nolados por esta habilidade.(10) Este resultado poderia ser alcançado, ainda com maior razão, pela maioria das pessoas, que não têm nenhuma preferência irrestistível por um lado ou pelo outro e cuja mão esquerda apenas pede para ser usada. Os métodos da educação bimanual, que foram aplicados durante alguns anos, especialmente em escolas inglesas e americanas, já apresentaram resultados conclusivos(11): não há nada contra a mão esquerda receber treino artístico e técnico semelhante ao que até agora foi monopólio da mão direita.

Portanto, não é porque seja fraca ou sem poder, que a mão esquerda é desprezada: o contrário é a verdade. Esta mão é submetida a uma autêntica mutilação, que apesar disso não é marcada porque afeta a função e não a forma externa do órgão, porque é fisiológica e não anatômica. Os sentimentos de um canhoto, numa sociedade atrasada,(12) são análogos àqueles de um homem não circuncisado em sociedades nas quais a circuncisão é lei. O fato é que não se aceita ou se cede à dexteridade como a uma necessidade natural: ela é um ideal ao qual todos precisam conformar-se e o qual a sociedade nos força a respeitar por meio de sanções positivas. A criança que usa alivamente sua mão esquerda é repreendida, quando não leva um tapa na mão audaciosa; similarmente o fato de

10. Wilson 1891:139; 148-9, 203. Uma pessoa canhota se beneficia pela capacidade inata da mão esquerda e pela habilidade adquirida pela direita.

11. Ver Jackson 1905:195; Lydon 1900; Buyse 1908:145. Uma "Sociedade de Cultura Ambidestra" existiu na Inglaterra durante alguns anos.

12. A maior parte dos fatos etnográficos nos quais se baseia este estudo vem dos Maori, ou mais exatamente de uma tribo muito primitiva chamada Tuhoo, cujas concepções foram registradas com admirável fidelidade por El-Bost em seus artigos na *Transactions of the New Zealand Institute* e no

ser canhoto é uma infração que traz para o infrator uma re-provação social mais ou menos explícita.

A assimetria orgânica no homem é ao mesmo tempo um fato e um ideal. A anomalia explica o fato na medida em que resulta da estrutura do organismo, porém, por mais força que se suponha ter este determinante, ela é incapaz de explicar a origem do ideal ou a razão para sua existência.

## 2. A Polaridade Religiosa

A preponderância da mão direita é obrigatória, imposta pela coerção e garantida por sanções: contrariamente, uma verdadeira proibição pesa sobre a mão esquerda e a paralisa. A diferença em valor e função entre os dois lados de nosso corpo possui portanto, num grau extremo, as características de uma instituição social, e um estudo que tente explicá-lo pertence à sociologia. Dizendo de modo mais preciso, é uma questão de traçar a gênese de um imperativo que é metade estético, metade moral. As idéias secularizadas que ainda dominam nossa conduta nasceram em forma mística, no reino de crenças e emoções religiosas. Nós temos, portanto, que explicar a preferência pela mão direita num estudo comparativo das representações coletivas.(13)

Uma oposição fundamental domina o mundo espiritual dos homens primitivos, aquela entre o sagrado e o profano.(14) Certos objetos ou seres, por força de sua natureza ou por meio de representação de rituais, são como que impregnados com uma essência especial que os consagra, os separa e lhes outorga poderes extraordinários, mas que então os sujeita a uma série de regras e estritas restrições. Coisas e pessoas às quais se nega esta qualidade mística não têm poder, nem dignidade: são comuns e, afora a interdição absoluta de entrar em contato com o que é sagrado, livres. Qualquer contato ou confusão de seres e coisas pertencendo às classes opostas seria funesto para ambas. Daí a variedade de proibições e

13. (...)

14. A nossa descrição da polaridade religiosa é apenas um rápido esboço. A maior parte das idéias aqui expressas são familiares aos leitores que conhecem os trabalhos publicados por Durkheim, Hubert e Mauss no *Année Sociologique*. Algumas das idéias originais que este estudo venha a obter, serão retomadas em outro lugar com as provas e elaborações que se fizerem necessárias.

tabus que, por mantê-los separados, protegem ambos os mundos a um só tempo.

A importância da antítese entre profano e sagrado varia de acordo com a posição na esfera religiosa da mente que classifica seres e os avalia. Os poderes sobrenaturais não são todos da mesma ordem: alguns trabalham em harmonia com a natureza das coisas e inspiram veneração e confiança pela sua regularidade e majestade; outros, ao contrário, violam e perturbam a ordem do universo, e o respeito que impõem está baseado principalmente em aversão e medo. Todos estes poderes têm em comum o caráter de serem opostos ao profano, para o qual todos eles são igualmente perigosos e proibidos. O contato com um cadáver produz no ser profano os mesmos efeitos que o sacrilégio. Neste sentido, Robertson Smith estava certo quando disse que a noção de *tabu* compreendia simultaneamente o sagrado e o impuro, o divino e o demônico. Mas a perspectiva do mundo religioso muda quando não é mais visto do ponto de vista do profano e sim do sagrado. A confusão a que Robertson Smith se referia não mais existe. Um chefe polinésio, por exemplo, sabe muito bem que a qualidade religiosa que impregna um cadáver é radicalmente contrária à que ele próprio possui. O impuro é separado do sagrado e colocado no pólo oposto do mundo religioso. Por outro lado, deste ponto de vista, o profano não é mais definido por traços puramente negativos: ele surge como o elemento antagônico que, pelo seu próprio contato, degrada, diminui e muda a essência das coisas que são sagradas. É como se fosse um nada, mas um nada ativo e contagioso; a influência nociva que exerce sobre as coisas dotadas de santidade não difere em intensidade da exercida pelos poderes funestos. Existe uma transição imperceptível entre a falta de poderes sagrados e a posse de poderes sinistros.(15) Assim, na classificação que dominou a consciência religiosa desde o início e em graus crescentes, existe uma afinidade natural e quase que uma equivalência entre o profano e o impuro. As duas noções são combinadas e, em oposição ao sagrado, formam o pólo negativo do universo espiritual.

15. Alguns exemplos desta confusão necessária serão dados mais adiante. Veja o que é dito mais tarde sobre a classe inferior de mulher, terra e o lado esquerdo.

O dualismo, que é a essência do pensamento primitivo, domina a organização social primitiva.(16) As duas metades ou fraternas que constituem a tribo são reciprocamente opostas como o sagrado e o profano. Tudo que existe dentro da minha própria fratria é sagrado e proibido para mim: é por isto que não posso comer meu tótem, ou derramar o sangue de um membro de minha fratria, ou mesmo tocar seu cadáver, ou casar-me em meu clã. Ao contrário, a metade oposta é profana para mim: as clãs que a compõem fornecem-me esposas, mantimentos e vítimas humanas sacrificiais; enterram os meus mortos e preparam minhas cerimônias sagradas.(17) Dado o caráter religioso com o qual a comunidade primitiva se sente investida, a existência de uma seção oposta e complementar da mesma tribo, que pode livremente realizar funções que são proibidas aos membros do primeiro grupo, é uma condição necessária da vida social.(18) A evolução da sociedade substitui este dualismo reversível por uma estrutura hierárquica rígida:(19) ao invés de clãs separadas ou equivalentes aparecem castas ou classes, das quais uma, no tempo, é essencialmente sagrada, nobre ou devotada a trabalhos superiores, enquanto outra, embaixo, é profana ou suja e ocupada com tarefas vis. O princípio pelo qual se atribui aos homens posição e função permanece o mesmo: a polaridade social é ainda um reflexo e uma consequência da polaridade religiosa.

O universo inteiro está dividido em duas esferas contrastantes: coisas, seres e poderes atraem ou se repelem mutuamente, incluem ou se excluem mutuamente, dependendo do fato de gravitarem em direção a um ou outro dos pólos.

Os poderes que mantêm ou aumentam a vida, que fornecem saúde, proeminência social, coragem na guerra e habilidade no trabalho, residem todos no princípio sagrado. O profano (na medida em que viola a esfera sagrada) e o impuro, ao

16. Sobre a dicotomia social, ver Mc Gee 1900:845, 863; Durkheim & Mauss 1903:7.

17. Acerca desta última observação, ver principalmente Spencer & Gillen 1904:290.

18. Note que as duas metades da tribo são no mais das vezes localizadas, uma ocupando o lado direito, a outra o lado esquerdo (em campo, em cerimônias etc.). Cf. Durkheim & Mauss 1903:52; Spencer & Gillen 1904:20, 577.

19. O esboço do qual existe desde um estágio primitivo: as mulheres e as crianças, em relação aos homens, formam uma classe essencialmente profana.

contrário, são essencialmente enfraquecedores e mortíferos: as influências funestas que oprimem, diminuem e danificam os indivíduos vêm deste lado. Assim, de um lado temos o pólo da força, do bem e da vida, enquanto no outro temos o pólo da fraqueza, do mal e da morte. Ou, se preferimos uma terminologia mais recente, de um lado os deuses, de outro os demônios.

Todas as oposições apresentadas pela natureza exibem este dualismo fundamental. Claro e escuro, dia e noite, leste e sul em oposição a oeste e norte, representam no imaginário e localizam no espaço as duas classes contrárias de poderes sobrenaturais: de um lado a vida nasce e sobe, do outro ela desce e se extingue. O mesmo ocorre com o contraste entre alto e baixo, céu e terra: no alto, a residência sagrada dos deuses e as estrelas que não conhecem a morte, aqui embaixo a região profana dos mortais aos quais a terra absorve e, mais ainda, os lugares escuros onde se escondem serpentes e a hoste de demônios.(20)

O pensamento primitivo atribui um sexo a todos os seres no universo e mesmo a objetos inanimados; todos são divididos em duas imensas classes, dependendo de serem considerados femininos ou masculinos. Entre os Maori a expressão *tama tane*, lado masculino, designa as mais diversas coisas: a virilidade do homem, descendência na linha paterna, o leste, força criativa, mágica ofensiva e assim por diante, enquanto a expressão *tama wahine*, lado feminino, recobre tudo que é contrário a essas forças.(21) Esta distinção cósmica se baseia na antítese religiosa primordial. Em geral o homem é sagrado, a mulher é profana; excluída das cerimônias, nelas só é admitida uma função característica de seu *status*, quando um tabu vai ser levantado, ou seja, para provocar uma profanação intencional.(22) Mas se é impotente e passiva na ordem religiosa, a mulher tem sua desforra no reino da mágica: ela é particularmente dotada para trabalhos de bruxaria. "Todo o mal, miséria e morte", diz um provérbio Maori, "vem do elemento feminino". Assim, os dois sexos correspondem ao sagrado e ao profano (ou impuro), à vida e à morte. Um abismo

20. Sobre a identificação do céu com o elemento sagrado e da terra com o profano ou sinistro, cf. (para os Maori) Tregear 1904: 408, 466, 486; Best 1905a:150,188; 1906:155. Compare a oposição que os gregos fazem entre as divindades celestiais e as etônicas.

21. Ver especialmente Best 1905b:206 e 1901:73.

22. Best 1906:26.

os separa e uma divisão de trabalho rigorosa divide as atividades entre homens e mulheres de tal modo que nunca pode haver mistura ou confusão.(23)

Se o dualismo marca o pensamento inteiro dos homens primitivos, não influencia menos sua atividade religiosa, sua adoração. Esta influência é sentida mais do que em qualquer outro lugar na cerimônia *tira*, que ocorre com freqüência no ritual Maori e serve aos mais diversos fins. O sacerdote faz dois pequenos montes num pedaço de chão sagrado, dos quais um, o masculino, é dedicado ao Céu, enquanto que o outro, o feminino, é dedicado à Terra. Em cada um ele erige um pau: um chamado de "vara da vida" e colocado no leste, é o emblema e o foco da saúde, força e vida; o outro, colocado no oeste, é a "vara da morte" e o emblema e o foco de todo o mal. O detalhe dos ritos varia de acordo com o objetivo procurado, mas o tema fundamental é o mesmo: por um lado, repelir para o pólo da mortalidade todas as impurezas e males que penetraram e que ameaçam a comunidade, por outro lado, assegurar, reforçar e atrair para a tribo as influências benéficas que residem no pólo da vida. Ao fim da cerimônia, o sacerdote derruba a vara da Terra, deixando do pé a vara do Céu: é este o buscado triunfo da vida sobre a morte, a expulsão e abolição de todo o mal, do bem-estar da comunidade e da ruína de seus inimigos.(24) Desse modo, a atividade ritual é dirigida por referência a dois pólos opostos, cada qual tendo sua função essencial no culto, e que corresponde às duas altitudes contrárias e complementares da vida religiosa.

Como pode o corpo do homem, o microcosmo, escapar da lei da polaridade que governa tudo? A sociedade e todo o universo têm um lado que é sagrado, nobre e precioso e outro que é profano e comum: um lado masculino, forte e ativo, e outro feminino, fraco e passivo; ou, em duas palavras, um lado direito e um lado esquerdo — e apesar disso, só o organismo humano deveria ser simétrico? Um momento de reflexão nos mostra que isto é uma impossibilidade. Tal exceção seria não apenas uma anomalia inexplicável, mas arruinaria toda a economia do mundo espiritual. Pois o homem está no centro da criação: cabe a ele manipular e dirigir para o bem as forças formidáveis que trazem a vida e a morte. É concebível que

23. Ver. sobre os Maori. Colenso 1868:348 e cf. Durkheim 1898:40; Craw-

todas estas coisas e estes poderes, que são separados, contrastados e mutuamente exclusivos, sejam abominavelmente confundidos na mão do sacerdote ou do artesão? É uma necessidade vital que nenhuma das duas mãos conheça o que faz a outra;(25) o preceito evangélico meramente aplica a uma situação particular esta lei da incompatibilidade dos opostos, que é válida para todo o mundo da religião.(26)

Se a assimetria orgânica não existisse, ela teria que ser inventada.

### 3. As características da direita e da esquerda

O modo diferente pelo qual a consciência coletiva concebe e avalia a direita e a esquerda aparece claramente na linguagem. Existe um contraste impressionante entre as palavras que designam os dois lados na maioria das línguas indo-européias. Enquanto existe apenas um termo para "direita" que se estende por uma grande área e que mostra grande estabilidade,(27) a idéia de "esquerda" é expressa por inúmeros termos distintos, que são muito menos difundidos, e que parecem estar destinados a desaparecer constantemente diante de novas palavras.(28) Algumas destas palavras são eufemismos óbvios,(29) outras são de origem extremamente obscura. "Parece" diz Meillet,(30) "que quando se fala do lado esquerdo evita-se pronunciar a palavra apropriada e tonda-se a subs-

25. Sobre a interdição recíproca, cf. Durkhardt 1830:202. *Matt.* 6,3.

26. Mc Gee descreveu a natureza dualista do pensamento primitivo em termos e de um ponto de vista muito diferentes dos meus. Ele considera a distinção entre a direita e a esquerda um acréscimo a um sistema primitivo que reconhece somente a oposição entre a frente e atrás. Esta afirmação me parece arbitrária. Cf. Mc Gee 1900:843.

27. Esta é a raiz *deks* que se encontra sob diferentes formas desde o indiano *dákshina*, até o céltico *dess*, *dess*, passando pelo lituano, eslavo, albanês, germânico e grego. Cf. Walde 1905-6 s.v. *dexter*.

28. A respeito destes termos cf. Schrader 1901 s.v. *Rechts und Links*; Brugmann 1888:399.

29. GR. Euvruyos e Aplotopós. Zend *Vairyastara* (= melhor). OHG *winstar* (de *wini* amigo), árabe *aisar* (= feliz, cf. Wellhausen 1897. 2:199), aos quais deveria ser acrescentado, de acordo com Brugmann, o latim *sinister*. De acordo com Grimm 1818. 2:681,698 e mais recentemente Brugmann 1888:399, a esquerda era originalmente o lado mais favorável para os indo-europeus, estes filólogos deixaram-se enganar por artifícios lingüísticos destinados a esconder a verdadeira natureza da esquerda. É certamente uma questão de antifrase.

30. Numa carta que gentilmente me enviou e à qual agradeço, Meillet já

titul-la por outras diferentes que são constantemente renovadas". A multiplicidade e a instabilidade dos termos para a esquerda, e o seu caráter evasivo e arbitrário, pode ser explicado pelos sentimentos de inquietação e aversão sentidos pela comunidade a respeito do lado esquerdo. (31) Já que a própria coisa não podia ser mudada, o seu nome o era, na esperança de abolir ou reduzir o mal. Mas em vão, pois mesmo as palavras com significados felizes, quando aplicadas à esquerda por antífrases, são rapidamente contaminadas pelo que expressam e adquirem uma qualidade "sinistra" que cedo proíbe o seu uso. Assim, a oposição que existe entre direita e esquerda é vista até mesmo nas diferentes naturezas e deslinhos de seus nomes.

O mesmo contraste aparece se consideramos o significado das palavras "direita" e "esquerda". O primeiro é usado para expressar as idéias de força física e "desteridade", de "reijidão" intelectual e de bom julgamento, de honradez e integridade moral; de boa sorte e beleza, de norma jurídica; enquanto que a palavra "esquerda" evoca a maioria das idéias contrárias a estas. Para unificar estes vários significados, supõe-se comumente que a palavra "direita" signifique em primeiro lugar possa melhor mão, depois as "qualidades de força e habilidade que são naturais a ela" e, por extensão, diversas virtudes análogas da mente e do coração. (32) Mas esta é uma construção arbitrária. Não há nada que nos autorize a afirmar que a palavra indo-européia antiga para a direita teve primeiro uma conotação física exclusiva, o mais recentemente palavras formadas tais como nosso *droit* (33) e o *adj* (34) armeniano, antes de serem aplicadas a um dos lados do corpo, expressaram a idéia de uma força que vai direto ao seu objeto por caminhos que são normais e certos, em oposição aos caminhos que são tortuosos, oblíquos e abortivos. De fato, os diferentes significados da palavra em nossas línguas, que são os produtos de uma civilização avançada, são distintos e justapostos. Se seguimos seu rastro pelo método comparativo até a fonte da qual derivam estes significados fragmentados, nós os encon-

31. Do mesmo modo, e pela mesma razão, "os nomes de doenças e enfermidades tais como manquejar, cegueira ou surdez diferem de uma língua para outra" (Meillet 1906:18).

32. Cf. por exemplo Pictet 1863:209.

33. Do baixo latim *directum*; cf. Diez 1878, 5; 272 s.v. *ritto*.

34. Ligado ao Sansc. *sādhyā*, de acordo com Lidén 1906:75. Meillet, a quem devo esta nota, considera a etimologia Irrepreensível e muito provável.

tramos fundidos originalmente em uma noção que os engloba e confunde todos. Já nos deparamos com esta noção: para a direita é a idéia do poder sagrado, regular e benéfico, o princípio de toda atividade afetiva, a fonte de tudo que é bom, favorável e legítimo; para a esquerda, esta concepção ambigua do profano e do impuro; o fraco e incapaz que é também maléfico e letrado. A força física (ou a fraqueza) aqui é apenas um aspecto particular e derivativo de uma qualidade muito mais vaga e fundamental.

Entre os Maori o direito é o lado sagrado, a sede dos poderes bons e criativos; o esquerdo é o lado profano, não possuindo nenhuma outra virtude exceto, como veremos, certos poderes perturbadores e suspeitos. (35) O mesmo contraste reaparece no curso da evolução da religião, em formas mais precisas e menos impessoais: o direito é o lado dos deuses, onde paira a figura branca de um bom anjo da guarda; o lado esquerdo é dedicado aos demônios, ao mal; um anjo negro maligno o mantém sob seu domínio. (36) Até mesmo hoje, se a mão direita é ainda a chamada boa e bonita e a esquerda má e feia, (37) podemos perceber nestas expressões infantis os ecos enfraquecidos de designações e emoções religiosas que por muitos séculos estiveram ligadas aos dois lados de nosso corpo.

É uma noção corrente entre os Maori que o direito é o "lado da morte" (o da fraqueza). (38) Influências benéficas e renovadoras nos ontram pela direita, enquanto que, inversamente, a morte e a miséria penetram no âmago de nosso ser pela esquerda. (39) Desta forma, a resistência do lado que é particularmente exposto e indefeso tem que ser reforçada por amuletos protetivos; o anel que nós usamos no terceiro dedo da mão esquerda tem primordialmente a finalidade de manter

35. Best 1902:25; 1904:236.

36. Meyer 1873:26. Cf. Gerhard 1847:54; Pott 1847:260. Entre os gregos e romanos a direita é invocada com freqüência em fórmulas de obsecração: cf. Horacio *Ep.* 1, 7, 94 — quod te per genium dextramque deosque penates obsecro et obtestor; ver Sittl 1890: 29, n. 5.

37. Cf. Grimm 1810:605.

38. Best 1898a:123, 133.

39. Darmesteter 1879, 2:129 n. 64.

tentações e outras coisas más longe de nós.(40) Daí a importância atribuída, na adivinhação, à distinção entre os lados tanto do corpo quanto do espaço. Se senti um tremor convulsivo enquanto dormia é sinal que um espírito se apossou de mim e, dependendo do sinal vir da direita ou da esquerda posso esperar a sorte e vida ou má sorte e morte.(41) A mesma regra se aplica em geral aos presságios que consistem na aparição de animais que se imagina serem portadores da sorte: algumas vezes estas mensagens são susceptíveis de duas interpretações contraditórias, dependendo da situação ser encarada ou do ponto de vista da pessoa que vê o animal ou do animal que ela encontra;(42) se aparece à esquerda, o animal apresenta o seu lado direito, podendo portanto ser considerado favorável. Mas estas divergências, cuidadosamente mantidas pelos augúrios para confundir as pessoas comuns o aumeitar o prestígio delas, apenas mostram sob uma luz ainda mais clara a afinidade que existe entre a esquerda e a morte.

Uma concordância não menos significativa liga os lados do corpo a regiões no espaço. A direita representa o que é alto, o mundo de cima, o céu; enquanto que a esquerda está associada ao mundo subterrâneo e à terra.(43) Não é por acaso que nas pinturas do Último Testamento é a mão direita do Senhor que aponta a abóbada sublime para o eleito, enquanto a sua mão esquerda mostra aos condenados as mandíbulas abertas do inferno prontas para engulir-los. A relação que une a direita ao leste ou ao sul e a esquerda ao norte ou ao oeste

40. O costume vem de tempos imemorais (egípcios, gregos, romanos). Ao metal (originalmente ferro, depois ouro) atribui-se uma virtude benéfica que protege do feitiçaria: sinais gravados no anel acrescentam-lhe poder. Os nomes dados ao terceiro dedo da mão esquerda comprovam seu caráter mágico e função: é dedo "sem nome", "doutor" e, em gaélico "o dedo encantado". Ver os artigos "Anulus" e "Amuletum" em Daremberg & Saglio 1873; Pott 1847:284,295; Hofmann 1870:850. Sobre a palavra *scaevola* (de *scaevus*, esquerda), significando um encanto protetivo, ver Valetton 1889:319.

41. Best 1898a:130; Tregear 1904:211.

42. Ou, o que vem a dar no mesmo, o deus que envia a mensagem. Esta explicação, já proposta pelos antigos (Plutarco, *Questiones Romanæ*, 78; Festus 17 s.v. *sinistræ* aves) foi definitivamente comprovada por Valenton (1889, 287). As mesmas incertezas são encontradas entre os árabes: cf. Wellhausen 1897:202 e Douitté 1909:359.

43. Os desvixes, enquanto rodopiam, mantém a mão direita levantada com a palma para cima, recebendo as bênçãos do céu que a mão esquerda, retida embaixo na direção da terra, transmite ao mundo cá de baixo. Simpson 1896:130. Cf. p. 104.

é ainda mais constante e direta a ponto de, em muitas línguas, as mesmas palavras denotarem os lados do corpo e os pontos cardiais.(44) O eixo que divide o mundo em duas metades, uma radiante e a outra escura, atravessa também o corpo humano e o divide entre o império da luz e o da escuridão.(45) Direito e esquerdo se estendem além dos limites de nosso corpo e abarcam o universo.

De acordo com uma idéia muito disseminada, pelo menos na área indo-europeia, a comunidade forma um círculo fechado no centro do qual está o altar, a Arca da Aliança, onde os deuses descem e de onde se irradia a ajuda divina. A ordem e a harmonia reinam dentro desse espaço fechado, enquanto fora se estende uma vasta noite, sem limites e sem leis, chola do germo impuro e atravessada por forças caóticas. Na periferia do espaço sagrado os devotos fazem um circuito ritual em volta do centro divino, com seus ombros direitos voltados para ele.(46) Têm tudo para esperar de um lado, tudo para temer do outro. A direita é o *interior*, o finito, o bem-estar assegurado e a paz; a esquerda é o *exterior*, o infinito hostil e a ameaça perpétua do mal.

Os equivalentes acima por si sós nos permitiriam supor que o lado direito e o elemento masculino são da mesma natureza, assim como o lado esquerdo e o elemento feminino, mas não ficamos reduzidos a simples conjecturas neste ponto. Os Maori aplicam os termos *tama tano* e *tama wahine* aos dois lados do corpo, termos cuja quase universal extensão já mencionamos: o homem é composto de duas naturezas, masculina e feminina, sendo a primeira atribuída ao lado direito e a última ao lado esquerdo.(47) Entre os Wulwanga da Austrália, dois paus são usados para marcar o ritmo durante as cerimônias: um é chamado de homem e é segurado pela mão direita, enquanto que o outro, a mulher, é segurado com a esquerda.

44. Ver Gill 1876:128,297. O hebraico *jamin*, o sansc. *dākshina*, o irlandês *dass* significam ao mesmo tempo direita e sul.; ved Schrader 1901 s.v. *Himmelsgegeden*. Para os gregos o leste é a direita do mundo e o oeste a esquerda; cf. Stobaeus, *Eclogæ*, I, 15,6.

45. Esta é a razão pela qual o sol é o olho direito de Horus e a lua o esquerdo. O mesmo na Polinésia (Gill 1876:153). Nas representações cristãs da crucificação o sol brilha na região à direita da cruz, onde a nova Igreja triunfa, enquanto a lua ilumina o lado do ladrão impenitente e da sinagoga caída. Ver Mäle 1898:224,229.

46. Ver. Simpson 1896: e abaixo.

47. Best 1898a:123, 1902:25; Tregear 1904:506.



Naturalmente, é sempre o "homem" que bate, a "mulher" que recebe as pancadas; a direita que age, a esquerda que se submete.(48) Aqui encontramos intimamente combinados o privilégio do sexo forte e do lado forte. Indubitavelmente, Deus tomou uma das costelas esquerdas do Adão para criar Eva, pois uma única e a mesma essência caracterizam a mulher e o lado esquerdo do corpo. É matéria das duas partes de um ser fraco e indefeso, algo ambíguo e inquietante, destinado pela natureza a um papel passivo e receptivo e a uma posição subalterna.

Assim, a oposição entre a direita e a esquerda tem o mesmo significado e aplicação que a série de contrastes, muito diferentes mas redutíveis a princípios comuns, apresentados pelo universo. O poder sagrado, fonte de vida, verdade, beleza, virtude, o sol nascente, o sexo masculino e — posso acrescentar — o lado direito, todos estes termos são intercambiáveis, como o são seus contrários. Eles designam, sob muitos aspectos, as mesmas categorias de coisas, uma natureza comum, a mesma orientação para um dos dois pólos do mundo místico.(50) Pode-se acreditar que uma leve diferença de grau na força física das duas mãos seja suficiente para explicar uma heterogeneidade tão vigorosa e profunda?

#### 4. As Funções das Duas Mãos

As diferentes características da direita e da esquerda determinam a diferença em posição e funções que existem entre as duas mãos.

É bem conhecido que muitos povos primitivos, particularmente os índios da América do Norte, podem conversar sem dizer uma única palavra, apenas por movimentos da cabeça e dos braços. Nesta linguagem cada mão age de acordo com sua natureza. A mão direita representa o *eu*, a esquerda os

48. Eyimann 1909:376. (Agradeço a M. Mauss esta referência).

49. Um médico contemporâneo ingenuamente formula a mesma idéia: ver Liersch 1893:46.

50. A tabela dos contrários, que, de acordo com os pitagóricos, se equilibram e constituem o universo, compreendem o finito e o infinito, o ímpar e o par, a direita e a esquerda, o macho e a fêmea, o estável e o mutante, o alto e o baixo; ver Aristóteles, *Metafísica*, I, 5.; e cf. Zeller 1876:321. A correspondência com a tabela que estabeleci é perfeita: os pitagóricos apenas definiram e deram forma a idéias populares muito antigas.

*não-eu*, os *outros*.(51) Para expressar a idéia de *alto*, a mão direita é levantada acima da esquerda, que é mantida horizontal e imóvel, enquanto que a idéia de *baixo* é expressa abaixando-se a "mão inferior" abaixo da direita.(52) A mão direita significa *bravura, poder, virilidade*; enquanto que, ao contrário, a mesma mão, voltada para a esquerda e colocada abaixo da mão esquerda, significa, de acordo com o contexto, as idéias de *morte, destruição e enterro*.(53) Estes exemplos característicos são suficientes para mostrar que o contraste entre direita e esquerda, e as posições relativas das mãos são de importância fundamental na linguagem dos sinais.

As mãos são usadas apenas incidentalmente na expressão de idéias: elas são primordialmente instrumentos com os quais o homem age sobre os seres e coisas que o circundam. É nos diversos campos de atividade humana que precisamos observar as mãos trabalhando.

Na devoção, o homem procura acima de tudo comunicar-se com os poderes sagrados, de modo a mantê-los e a aumentá-los, e para trazer a ele os benefícios das ações destes poderes. Apenas a mão direita está apta para estas relações beneficentes, já que participa da natureza das coisas e seres sobre as quais os ritos devem agir. Os deuses estão à nossa direita, por isso nos voltamos para a direita a fim de rezar.(54) Um lugar sagrado precisa ser penetrado com o pé direito primeiro.(55) As oferendas sagradas são apresentadas aos deuses com a mão direita.(56) É a mão direita que recebe favores do céu e os transmite na bênção.(57) Para produzir bons efeitos numa cerimônia, para abençoar ou consagrar, os hindus e os celtas dão três voltas em torno de uma pessoa ou objeto, da esquerda para a direita, como o sol, com a lado direito voltado para dentro. Desta maneira elas derramam sobre a que esteja encerrado dentro do círculo sagrado a virtude

51. Wilson 1891:18-19.

52. Mallery 1881:364.

53. Mallery 1881:414,416,420. Cf. Quintilianus, XI,3;13 em Sittl 1890:358 (sobre a expressão gestual da abominação).

54. Ver Schrader 1901 s.v. *Gruss*. Cf. Bokhâri 1903:153.

55. Bokhâri 1903:157. Ao contrário, lugares assombrados por *djinn* são invadidos com o pé esquerdo primeiro. (Lane 1836:308)

56. Quando a mão esquerda intervém é apenas para seguir o duplicar a ação da mão direita (White 1887:197). Com frequência, ela ainda é mal encarada. (Sittl 1890:51 n. 2,00; Simpson 1896:291)

57. Ver *Gênese* 48,13.

e benéfica que emana do lado direito. O movimento o posição contrários, em circunstâncias similares, seriam sacrílegos e azarentos.(58)

Mas a devoção não consiste inteiramente da adoração confiante de deuses amistosos. O homem gostaria de esquecer os poderes sinistros que enxameiam à sua esquerda, mas não pode, pois eles se impõem à sua atenção por meio dos seus golpes mortíferos, por meio de ameaças que precisam ser esquivadas e por exigências que precisam ser satisfeitas. Parte considerável do culto religioso, e não a parte menos importante, é devotada a conter ou apaziguar os seres malvolentos e raivosos, a banir ou a destruir más influências. Neste reino é a mão esquerda que prevalece: ela está diretamente ocupada com tudo que é demoníaco.(59) Na cerimônia Maori que descrevemos é a mão esquerda que se levanta e depois derriba a vara da morte.(60) Se os espíritos gananciosos das almas dos mortos têm que ser aplacados pela oferta de um presente, é a mão esquerda que se indica para realizar este sinistro contato.(61) Em ritos funerários e no exorcismo,(62) o circuito cerimonial é feito "na direção errada", apresentando-se o lado esquerdo.(63) Os pecadores são expulsos da Igreja pela porta esquerda. Não é certo que se deve às vezes voltar os poderes destrutivos do lado esquerdo contra os espíritos malévolos que geralmente os usam?

As práticas mágicas proliferam nas fronteiras da liturgia regular. A mão esquerda está à vontade aqui: ela é excelente em neutralizar ou anular a má sorte,(64) mas acima de tudo em propagar a morte.(65) "Quando você bebe com um nativo (na costa da Guiné) você precisa tomar cuidado com a mão esquerda dele, pois o próprio contato de seu polegar esquer-

58. Sobre a *pradaishina e deasil*, ver Simpson 1896:75,90,103 e especialmente a monografia de Caland (1898). Traços deste costume são encontrados em toda a área indo-européia.

59. Ver Platão, *Lets*, 4,717a; Cf. Sittl 1890:100.

60. Gudgeon 1905:125.

61. Kruyt 1906:259,380 n. 1.

62. Martène 1736, 2:82; cf. *Middoth* em Simpson 1896:142.

63. Simpson 1896; Caland 1898; Jamieson 1808 s.v. *widdersinnis*. Os feiticeiros apresentam o lado esquerdo ao diabo para lhe prestar homenagem.

64. Best 1904:76,236; 1905:3; 1901:98; Goldie 1904:75.

65. Ver *Kaus'ika sutra* 47,4 em Caland 1900:184. O sangue extraído do lado esquerdo do corpo provoca a morte (Best 1897:41). Ao contrário, o sangue do lado direito dá vida, regenera (os ferimentos do Cristo ferido são sempre do lado direito).

do com a bebida talvez seja suficiente para torná-la fatal". Diz-se que todo nativo esconde debaixo de sua unha do polegar esquerdo uma substância tóxica que possui quase que "a sutileza devastadora do ácido prússico".(66) Este veneno, que é evidentemente imaginário, simboliza perfeitamente os poderes maléficos que jazem no lado esquerdo.

É claro que não se trata aqui de força ou fraqueza, habilidade ou falta de jeito, mas de funções diferentes e incompatíveis ligadas a naturezas contrárias. Se a mão esquerda é desprezada e humilhada no mundo dos deuses e no dos mortos, ela tem o seu reino onde é a senhora e de onde a mão direita é excluída; mas esta é uma região mal afamada. O poder da mão esquerda é sempre algo oculto e ilegítimo; inspira terror e repulsa. Seus movimentos são suspeitos; nós gostaríamos que permanecesse quieta e discreta, escondida nas dobras da vestimenta para que sua influência corrompedora não se espalhasse. Como as pessoas no luto, envolvidas pela morte, têm que se cobrir com véus, negligenciar seus corpos, deixar seu cabelo e suas unhas sem serem cortadas e ela é menos lavada do que a outra.(67) Assim, a crença numa profunda disparidade entre as duas mãos às vezes chega até a produzir uma assimetria física visível. Mesmo quando não é traída por sua aparência, a mão esquerda ainda permanece sendo a mão amaldiçoada. A mão esquerda muito dotada e ágil é sinal de uma natureza contrária à ordem corrente, de uma disposição perversa e diabólica: toda pessoa canhota é um possível feiticeiro, do qual se deve desconfiar justamente.(68) Em contraste, a preponderância exclusiva da direita e a repugnância em adquirir o que seja da esquerda são as marcas de uma alma associada inusitadamente com o divino e imune ao que é profano ou impuro: assim são os santos cristãos que, em seu berço, eram tão piedosos que recusavam o seio esquerdo de suas mães.(69) É por isso que a seleção social favorece os destros e porque a educação é dirigida no sentido de paralizar a mão esquerda enquanto se desenvolve a direita.

66. Lartigue 1851:365.

67. Lartigue 1851; Burckhardt 1830:186; Meyer 1873:26,28.

68. Esta é a razão pela qual seres, reais ou imaginários, que se acreditam possuírem poderes mágicos, são representados como se fossem canhotos: este é o caso do urso entre os Camchadal e os esquimós (Erman 1873:36; J. Rac em Wilson 1891:60).

69. Usener 1896:190-191. Quando os pitagóricos cruzavam suas pernas tomavam o cuidado de jamais colocar a esquerda em cima da direita. Plutarco, *De vit. pud.* 8. Cf. Bokhâri 1903:75.

A vida em sociedade envolve um grande número de práticas que, sem ser integralmente parte da religião, estão estreitamente ligadas a ela. Se são as mãos direitas que se unem no casamento, se a mão direita presta juramento, conclui contratos, toma posse e presta assistência, é porque é no lado direito do homem que estão os poderes e autoridades que dão peso aos gestos, e a força pela qual ela exerce seu domínio sobre as coisas.(70) Como poderia a mão esquerda concluir atos válidos se está privada de prestígio e de poder espiritual, se tem força apenas para a destruição e o mal? O casamento contratado com a mão esquerda é uma união clandestina e irregular da qual apenas bastardos podem resultar. A esquerda é a mão do perjúrio, da traição, da fraude.(71) Tal como acontece com as formalidades jurídicas, também as regras de etiqueta se derivam diretamente da adoração: os gestos com os quais nós adoramos os deuses também servem para expressar os sentimentos de respeito e de estima afetuosa que temos uns pelos outros.(72) No cumprimento o na amizade nós oferecemos o que temos de melhor, a nossa direita.(73) O rei leva os emblemas de sua realeza no lado direito, coloca à sua direita os que ele julga serem mais merecedores de receber, sem poluí-los, as emanações de seu lado direito. É porque a direita e a esquerda são realmente de valor e dignidade diferentes que significa tanto apresentar uma ou outra a nossos convidados, de acordo com sua posição na hierarquia social.(74)

Todos estes usos, que parecem ser puras convenções hoje, são explicadas e adquirem significado quando relacionadas às crenças que lhes deram origem.

Olhem mais de perto o profano. Muitos povos primitivos, quando em estado de impureza — durante o luto, por exemplo — podem não usar suas mãos, particularmente quando comem. Eles precisam ser alimentados por outras pessoas colocando a comida dentro de suas bocas, ou eles apanham

70. Sobre o romano *manus*, ver Daremberg & Saglio 1873 s.v. *manus* Sittl 1890:129,135. Os romanos dedicaram a direita à boa fé; em árabe, o juramento é chamado *jamin*, a direita (Wellhausen 1897:186).

71. Em persa, "dar a esquerda" significa trair (Pictet 1877:3:227). Cf. Plautus, *Persa*, II, 2,44 — *Iurilica laeva*.

72. Ver Schrader 1901 s.v. *Gruss*; Caland 1898:314-5.

73. Cf. Sittl 1890:27,31,310.

74. Sobre a importância da direita e da esquerda na iconografia cristã, ver Didron 1843:186 e Mâle 1896:19.

a comida com a boca como cachorros, já que se tocassem a comida com suas mãos poluídas enguliriam sua própria morte.(75) Neste caso, uma espécie de enfermidade mística afeta ambas as mãos e por algum tempo as paralisa. É uma proibição da mesma ordem que se impõe sobre a mão esquerda, mas é da mesma natureza que a própria mão esquerda na qual a paralisia é permanente. É por isto que freqüentemente apenas a mão direita pode ser usada ativamente durante as refeições. Entre as tribos da Nigéria do Sul, é proibido para as mulheres usarem suas mãos esquerdas quando cozinham, evidentemente sob a ameaça de serem acusadas de tentativa de envenenamento e feitiçaria.(76) A mão esquerda, como os párias sobre os quais se impõem todas as tarefas impuras, pode se ocupar apenas dos deveres desagradáveis.(77) Estamos longo do santuário aqui, mas o domínio dos conceitos religiosos é tão poderoso que se faz sentir na sala de jantar, na cozinha e mesmo naqueles lugares assombrados por demônios que não ousamos nomear.

Parece, entretanto, que existe ao menos uma ordem de atividades que escapa influências místicas, qual seja, as artes e a indústria: os diferentes papéis da direita e da esquerda nestas são considerados inteiramente ligados a causas físicas e utilitárias. Mas esta visão não reconhece o caráter de técnicas na antiguidade: elas estavam impregnadas com religiosidade e dominadas pelo mistério. O que é mais sagrado para o homem primitivo do que a guerra ou a caça! Estas implicam na posse de poderes especiais e um estado de santidade que é difícil adquirir e ainda mais difícil preservar. A própria arma é uma coisa sagrada, dotada com um poder que por si só fazem efetivos os golpes dirigidos ao inimigo. Infeliz do guerreiro que profana sua lança ou espada e dissipa sua virtude! É possível confiar algo tão precioso à mão esquerda? Isto seria um sacrilégio monstruoso, tanto quanto o seria permitir uma mulher entrar no acampamento dos guerreiros, isto é, condená-los à derrota e à morte. É o lado direito do homem que se dedica ao deus da guerra, é o *mana* do ombro direito que guia a espada ao seu alvo, é portanto apenas a mão di-

75. Cf. (para os Maori) Best 1905a:199,221.

76. Leonard 1906:310. Tampouco pode a mulher tocar o seu marido com a mão esquerda.

77. Sobre o uso exclusivo da mão esquerda para limpar as aberturas do corpo "abaixo do umbigo", ver Lartigue 1851; Roth 1899:122; Spieth 1906: I, 235; Jacobs 1892:21 (sobre os malaios); *Laws of Manu* V, 132,136; Bokhárí 1897:89-91; Lane 1896:187.

reita que irá carregar e manejar a arma.(78) A mão esquerda, entretanto, não fica desempregada; ela providencia as necessidades da vida profana que mesmo uma intensa consagração não pode interromper e às quais a mão direita, estritamente dedicada à guerra precisa ignorar.(79) Na batalha, sem efetivamente participar da ação, ela pode parar os golpes do adversário: sua natureza a torna apta para a defesa, ela é a mão do escudo.

A origem das idéias sobre a direita e a esquerda têm frequentemente sido procuradas nos diferentes papéis das duas mãos durante a batalha, uma diferença que resulta da estrutura do organismo ou de uma espécie de instinto.(80) Esta hipótese, refutada por argumentos decisivos,(81) toma a causa pelo que é efetivamente o efeito. Não deixa de ser verdade que as funções guerreiras das duas mãos têm algumas vezes reforçado as características já atribuídas a elas e as relações de uma com a outra. Consideremos um povo agrícola que prefere trabalhos pacíficos à pilhagem e à conquista e que nunca recorrem às armas exceto na defesa: a "mão do escudo" subirá na estima popular, enquanto que a "mão da lança" perderá algo do seu prestígio. É este claramente o caso entre os Zuni, que personificam os lados direito e esquerdo do corpo como dois deuses irmãos: o primeiro, mais velho, é reflexivo, sábio e de julgamento seguro; enquanto que o último é impetuoso, impulsivo, e feito para a ação.(82) Contudo, por mais interessante que seja este desenvolvimento secundário, e que modifica consideravelmente os traços característicos dos dois lados, ele não deve fazer-nos esquecer a significação religiosa primeira do contraste entre a direita e a esquerda.

78. Best 1902:25; Tregear 1904:332.

79. Tregear 1904.

80. Por exemplo, Carlyle, citado por Wilson (1891:15): similarmente Cushing 1892:290.

81. Um relato disto pode ser encontrado em Jackson 1905:51,54. Mas o argumento mais forte lhe escapou. É muito provável que, como demonstraram Deniker (1900:316) e Schurtz (1900:352), o escudo seja originário de um bastão apertador, cuja manipulação exigiria uma grande habilidade. Além do mais, muitos povos não conhecem o uso do escudo, tais como os Maori (Smith 1892:43; Tregear 1904:316), entre os quais a distinção entre a direita e a esquerda é particularmente acentuada.

82. Cushing 1892; 1893:13. Cf. uma curiosa passagem sobre Hermes, o três vezes grande, em Estobeu, *Eclogie* I, 59; e Brinton 1896:176-7 (sobre os chineses).

O que é herdado da arte militar se aplica também a outras técnicas, mas uma valiosa descrição dos Maori nos permite ver diretamente o que faz a mão direita preponderante na indústria humana. A descrição diz respeito à iniciação de uma jovem no ofício da tecelagem, um acontecimento sério envolto em mistério e cheio de perigo. A aprendiz senta na presença do mestre, que é artesão e sacerdote, em frente de dois postes entalhados enfiados no chão formando uma espécie de tear rudimentar. No poste direito estão as virtudes sagradas que constituem a arte de tecer e que fazem o trabalho efetivo, o poste esquerdo é profano e vazio de qualquer poder. Enquanto o sacerdote recita suas encantações, a aprendiz morde o poste direito de modo a absorver sua essência e consagra-se à sua vocação. Naturalmente, apenas a mão direita entra em contato com o poste sagrado, cuja profanação seria fatal ao iniciado, e é a mesma mão que carrega o fio, também sagrado, da esquerda para a direita. Quanto à mão profana, ela pode apenas cooperar humildemente e à distância no trabalho soleno que é feito.(83) Sem dúvida, esta divisão de trabalho é relaxada no caso de buscas mais duras e mais profanas. Permanece contudo sendo verdade que, em regra, técnicas consistem de colocar em movimento, por delicada manipulação, forças místicas perigosas: apenas a mão sagrada é efetiva pode tomar o risco da iniciativa; se a mão funesta intervém ativamente ela apenas secará a fonte de sucesso e viciará o trabalho que está sendo realizado.(84)

Assim, de um extremo a outro do mundo da humanidade, nos lugares sagrados onde o devoto encontra seu deus, nos locais malditos onde os pactos diabólicos são feitos, no trono assim como no banco das testemunhas, na batalha e na sala de trabalho do tecelão, em qualquer lugar uma lei imutável governa as funções das duas mãos. Não mais do que o profano tem a permissão de misturar-se com o sagrado, tem a esquerda a permissão de violar a direita. Uma atividade preponderante da mão ruim poderia apenas ser ilegítimo ou excepcional, pois seria o fim do homem e de todo o resto se o profano tivesse algum dia permissão para prevalecer sobre o sagrado e a

83. Assim como não pode ser tocado com a mão esquerda, o poste sagrado também não pode ser surpreendido em sua posição vertical à noite ou por um estranho (profano). Ver Best 1890b:627,656 o Tregear 1904:225, que o segue.

84. O fio usado por um brâmane deve ser trançado da esquerda para a direita (cf. acima), se trançado no outro sentido, ele é consagrado aos ancestrais e não pode ser usado pelos vivos (Simpson 1896:93).

morte sobre a vida. A supremacia da mão direita é ao mesmo tempo um efeito e uma condição necessária da ordem que governa e mantém o universo.

### 5. Conclusão

A análise das características da direita e da esquerda, e das funções a elas atribuídas, confirmaram a tese que a dedução nos fez vislumbrar. A diferenciação obrigatória entre os lados do corpo é um caso particular e uma consequência do dualismo inerente ao pensamento primitivo. Mas as necessidades religiosas que fazem a proeminência de uma das mãos inevitável não determinam qual delas será preferida. Como o lado sagrado é invariavelmente o direito e o profano o esquerdo?

De acordo com alguns autores a diferenciação de direito e esquerdo é inteiramente explicada pelas regras da orientação religiosa e da adoração ao sol. A posição do homem no espaço não é nem indiferente nem arbitrária. Em suas procissões e cerimônias, o devoto olha naturalmente para a região onde o sol nasce, a fonte de toda a vida. A maior parte dos edifícios sagrados, em diferentes religiões, estão voltados para o leste. Dada esta direção, as partes do corpo são elas próprias designadas para os pontos cardinais: o oeste é atrás, o sul é à direita, e o norte à esquerda. Conseqüentemente, as características das regiões celestes se refletem no corpo humano. A luz plena do sol brilha do nosso lado direito, enquanto que a sombra sinistra do norte é projetada à nossa esquerda. Considera-se que o espetáculo da natureza, o contraste entre a luz do dia e as trevas, o calor e o frio, tenham ensinado ao homem a distinguir e a opor sua direita e sua esquerda.(85)

Esta explicação se apoia em idéias fora de moda sobre concepções naturalistas. O mundo externo, com sua luz e sua sombra, enriquece e dá precisão às noções religiosas que surgem das profundezas da consciência coletiva, mas não as cria. Seria fácil formular a mesma hipótese em termos mais corretos e restringir sua aplicação ao ponto que nos interessa,

85. Ver Meyer 1873:27; Jacobs 1892:33.

mas ainda iria contra fatos de natureza decisiva.(86) De fato, não há nada que nos permita afirmar que as distinções aplicadas ao espaço são anteriores às que dizem respeito ao corpo humano. Todos eles têm uma só e a mesma origem, a oposição entre o sagrado e o profano, sendo portanto concordantes e de mútuo apoio, mas não são por isso menos independentes. Precisamos, portanto, procurar na estrutura do organismo a linha divisória que dirige o fluxo benéfico dos favores sobrenaturais em direção do lado direito.(87)

Este último recurso à anatomia não deveria ser visto como uma contradição ou concessão. Uma coisa é explicar a natureza e a origem de uma força, outra é determinar o ponto ao qual se aplica. As leves vantagens físicas possuídas pela mão direita são apenas a ocasião de uma diferenciação qualitativa da qual a causa está além do indivíduo, na constituição da consciência coletiva. Uma quase que insignificante assimetria corporal é suficiente para virar em uma direção e na outra representações contrárias que já estão completamente formadas. A partir daí, graças à plasticidade do organismo, a coação social adiciona aos membros opostos e incorpora neles aquelas qualidades de força e de fraqueza, de steridade e inércia, que no adulto parecem surgir espontaneamente da natureza.(88)

O desenvolvimento exclusivo da mão direita é considerado, às vezes, como um atributo característico do homem e um sinal de sua proeminência moral. Em certo sentido isto é verdade. Por séculos, a paralização sistemática do braço esquerdo tem como outras mutilações, expresso a vontade que anima os homens a fazer o sagrado predominar sobre o profano, a sa-

86. (1) O sistema de orientação postulado pela teoria, embora muito geral e provavelmente primitivo, está longe de ser universal; cf. Nissen 1907.

(2) As regiões celestiais não estão caracterizadas uniformemente: por exemplo, para os indianos e os romanos o norte é a *regio fausta*, habitada por deuses, enquanto que o sul pertence aos mortos.(3) Se as idéias sobre o sol tivessem as funções a elas atribuídas, a direita e a esquerda seriam invertidas entre os povos do hemisfério sul; mas a direita dos australianos e dos Maori coincide com a nossa.

87. Esta coação é exercida não apenas na educação propriamente dita, mas em jogos, danças e trabalho que, entre povos primitivos, têm um caráter intensamente coletivo e rítmico (Dücher 1897).

88. Pode ser até que a coação e a seleção social modificaram, a longo prazo o tipo físico humano, se se pudesse provar que a proporção de canhotos é maior entre povos primitivos que entre civilizados. Mas a evidência é vaga e de pouco peso. Cf. Colenso 1868:343; Wilson 1891:31 e Brinton 1896:175.

crificar os desejos e o interesse dos indivíduos às exigências sentidas pela consciência coletiva, e a espiritualizar o próprio corpo marcando nele a oposição de valores e os violentos contrastes do mundo da moralidade. É porque o homem é um ser duplo — *homo duplex* — que ele possui uma direita e uma esquerda profundamente diferenciadas.

Não é este o lugar para procurar a causa e o significado desta polaridade que domina a vida religiosa e se impõe ao próprio corpo. Esta é uma das mais profundas questões que a ciência da religião comparativa e da sociologia em geral têm que resolver, não devemos atacá-la indiretamente. Talvez tenhamos sido capazes de trazer elementos novos nesta pesquisa. De qualquer modo, não é sem interesse ver um problema particular reduzido a outro que é muito mais geral.

Como os filósofos têm observado com frequência<sup>(89)</sup> a distinção entre direita e esquerda é um dos artigos essenciais de nosso equipamento intelectual. Parece impossível, então, explicar o significado e gênese desta distinção sem tomar partido, ao menos implicitamente, de uma ou de outra das doutrinas tradicionais da origem do conhecimento.

Que disputas havia antigamente entre os partidários da distinção inata e os partidários da experiência! E que elegante choque de argumentos dialéticos! A aplicação de método experimental e sociológico a problemas humanos põe fim neste conflito de afirmações dogmáticas e contraditórias. Os que acreditam na capacidade inata de diferenciar ganharam sua vitória: as representações intelectuais e morais da direita e da esquerda são verdadeiras categorias, anteriores a toda experiência individual, já que estão ligados à própria estrutura do pensamento social. Mas os advogados da experiência também estavam certos, pois não cabe falar aqui de instintos imutáveis ou de dados metafísicos absolutos. Estas categorias são transcendentais apenas em relação ao indivíduo: colocados em seu cenário original, a consciência coletiva, eles aparecem como fatos da natureza, sujeitos à mudança e dependentes de condições complexas.

Mesmo que, como parece, os diferentes atributos das duas mãos, a destreza de uma e a inépcia da outra, são em grande parte trabalho da vontade humana, o sonho da humanidade

89. Em particular, Hamelin 1907:76.

dotada com duas "mãos direitas" é visionário. Mas do fato de que a ambidestridade é possível não se pode concluir que ela é desejável; as causas sociais que levaram à diferenciação das duas mãos podem ser permanentes. Entretanto, a evolução que agora testemunhamos dificilmente justifica tal visão. A tendência a nivelar o valor das duas mãos não é um fato isolado ou anormal em nossa cultura. As idéias religiosas antigas que colocam uma distância intransponível entre coisas e seres, e que em particular fundou a preponderância exclusiva da mão direita, estão hoje em retirada completa. Nem a estética nem a moralidade sofreriam com a revolução de se supor que não existam vantagens físicas e técnicas de peso para a humanidade em permitir que a mão esquerda atinja ao menos seu desenvolvimento completo. A distinção entre o bem e o mal, que por muito tempo foi solidária com a antítese entre o direito e o esquerdo, não desaparecerão de nossa consciência no momento em que a mão esquerda fizer uma contribuição mais efetiva ao trabalho e for capaz, ocasionalmente, de tomar o lugar da direita. Se a coação de um ideal místico foi capaz por muitos séculos de fazer o homem um ser unilateral, fisiologicamente mutilado, uma comunidade ligada e perspicaz se empenhará em desenvolver melhor as energias adormecidas no seu lado esquerdo e no nosso hemisfério cerebral direito, e em assegurar por um treino apropriado, um desenvolvimento mais harmonioso do organismo.

Trad. de Átala Zaluar

### Referências

- BALDWIN, James Mark (1897). *Développement mental dans l'enfant et dans la race*. Paris.
- BEST, Eldon (1897). "Tuhoo Land." *TPNZI* 30:33-41. (1898a). "Omens and superstitious beliefs of the Maoris." *JPS* 7:119-36, 233-43. (1898b). "The art of the Whare Pora." *TPNZI* 31:625-58. (1901). "Maori magic." *TPNZI* 34:69-98. (1902). "Notes on the art of war as conducted by the Maori of New Zealand." *JPS* 11:11-41, 47-75, 127-62, 219-46. (1904). "Notes on the custom of *rahui*." *JPS* 13: 83-8. (1905a). "Maori eschatology." *TPNZI* 38:148-239. (1905b). "The lore of the Whare-Kohanga [Part 1]." *JPS* 14:205-15. (1906). "The lore of the Whare-Kohanga." *JPS* 15:1-26, 147-65, 183-92.
- BIERVLIET, J.-J. van (1899). "L'homme droit et l'homme gauche." *Revue Philosophique* 47:113-43, 276-96, 371-89.
- BOKHARI, El (trans. Octave Houdas & W. Marcias) (1903-8). *Les traditions islamiques*. Paris.
- BHNTON, Daniel G. (1896). "Left-handedness in North American aboriginal art." *AA* 9:175-81.